



PODER

Governo e agro buscam saídas contra o tarifação

Ministro Carlos Fávaro estreita conexões com o setor, que dá mostras de irritação com os Bolsonaro. Convoca empresários a trabalhar pela revogação da taxa de 50% imposta por Trump e junto ao Brics na busca de abertura de novos mercados

» FABIO GRECCHI
» ALINE GOUVEA

O governo federal começa a fazer movimentos para trazer um segmento da economia tradicionalmente apoiador do ex-presidente Jair Bolsonaro, o agronegócio, para perto, a fim de, juntos, fechar propostas capazes de suspender o tarifação de 50% imposto por Donald Trump às exportações brasileira para os Estados Unidos. À frente dessa estratégia, o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, que quer a presença dos empresários do setor ao lado dele no esforço de, também, buscar novos mercados.

Fávaro, inclusive, postou vídeo no seu Instagram pessoal anunciando que já está em contato com os empresários mais afetados pelo tarifação e que intensificará as conexões com o Brics como forma de reorientar as exportações do agro. “Diante da ação indecente do governo norte-americano, em taxar em 50% as exportações brasileiras, já estamos realizando nos dois anos e meio do governo do presidente Lula: em ampliar mercados, reduzir barreiras comerciais e dar oportunidade de crescimento para a agropecuária brasileira”, salientou.

Segundo o ministro, “neste momento, vou reforçar essas ações, buscando os mercados mais importantes do Oriente Médio, do Sul Asiático e do Sul Global, que têm grande potencial consumidor e podem ser uma alternativa para as exportações brasileiras. As ações diplomáticas do Brasil estão sendo tomadas em reciprocidade. As ações proativas acontecerão, aqui, no Ministério da Agricultura e Pecuária, para minimizar os impactos”.

Essa intensificação da conexão com o agro é em função, sobretudo, da irritação do setor com os movimentos feitos por Bolsonaro, e alguns dos seus apoiadores, na tentativa de salvar o ex-presidente de uma condenação, pelo Supremo Tribunal Federal, por envolvimento na trama para um golpe de Estado. Para empresários e políticos ligados ao agronegócio, as

gestões do deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) junto ao governo norte-americano e a parlamentares trumpistas ultrapassaram o alvo inicial — o ministro Alexandre de Moraes, do STF, relator do inquérito sobre a ruptura institucional — e tornou-se algo mais amplo, que é a economia brasileira. Uma das primeiras a se manifestar sobre isso foi a ex-senadora Kátia Abreu, também ex-ministra da Agricultura no governo de Dilma Rousseff e ex-presidente da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária. Em uma publicação no X (antigo Twitter), ela faz um comentário sobre um vídeo postado pelo filho 03 de Bolsonaro no qual ele defende o ambiente de negócios norte-americano e diz que as tarifas impostas por Trump ao Brasil seriam um “convite” ao investimento externo.

“Esse deputado é do Brasil ou dos Estados Unidos?”, indaga. Em outra publicação, Kátia critica o parlamentar licenciado e o ex-presidente. “Filho de Bolsonaro não sabe o que desencadeou. Um prejuízo grande ao Brasil. A milhares de brasileiros. Com apoio do seu pai”, frisa. “Me solidarizo com a aflição dos empresários exportadores do Brasil para os EUA e todos os demais que trabalhem nesta cadeia de exportação. Ninguém merece uma insegurança dessa. Preocupação com as contas a pagar, inclusive seus colaboradores”, publicou.

A mesma indignação da ex-ministra já havia sido manifestada pela Frente Parlamentar da Agropecuária, tão logo Trump anunciou, na carta remetida ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o tarifação sobre os produtos brasileiros. Integrada, sobretudo, por parlamentares do Centrão e bolsonaristas, a nota da FPA observa que a taxa de 50% “representa um alerta ao equilíbrio das relações comerciais e políticas entre os dois países” e “produz reflexos diretos e atingem o agronegócio nacional, com impactos no câmbio, no consequente aumento do custo de insumos importados e na competitividade das exportações brasileiras”. Mas faz uma ressalva: “Diante desse cenário, a FPA defende uma resposta firme e estratégica: é momento de cautela, diplomacia afiada e presença ativa do Brasil na mesa de negociações”.

Os empresários do agro acreditam que, até 1º de agosto, quando

Ricardo Stuckert/PR



No Espírito Santo, Lula voltou a usar o boné que exorta o patriotismo



Filho de Bolsonaro não sabe o que desencadeou. Um prejuízo grande ao Brasil. A milhares de brasileiros. Com apoio do seu pai”

Publicação no X da ex-senadora Kátia Abreu, também ex-ministra da Agricultura e ex-presidente da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária

Trump promete fazer vigorar o tarifação, há espaço para alguma negociação, tal como o adiamento das sanções. Isso porque há o consenso de que a Lei da Reciprocidade — sancionada em abril, a Lei 15.122/25 teve por base PL 2.088/23, de autoria do senador Zequinha Marinho (PL-PA) — é poderosa do ponto de vista junto à opinião pública e galvaniza o patriotismo pelas redes sociais, mas prejudicial do econômico. Para o setor, trata-se de um recurso final, tal como o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nas entrevistas que concedeu as tevês Record e Globo, na quinta-feira.

“Se ele ficar brincando de taxa, vai ser infinita. Vamos chegar a milhões e milhões por cento de taxa”, frisou

Diálogo

Da mesma forma como Lula afirmou, nas entrevistas, que em algum

Guilherme Martimon/MAPA



Fávaro convocou setores mais afetados a ajudarem na busca de soluções

momento conversará com Trump, mas não agora — “quando chegar o momento, que for necessário, não terei nenhum problema de pegar o telefone e ligar, correndo o risco de ele, de forma mal-educada, não me atender”, provocou —, o presidente norte-americano afirmou também que pode entrar em contato com o brasileiro. “Talvez em algum momento, mas não agora”, disse, em conversa com jornalistas, ontem.

Enquanto Lula e Trump não se encontram para conversar, e as gestões junto ao governo norte-americano para a suspensão do tarifação mal começaram, na seara do Congresso, o PSol ingressou, com uma notícia-crime na Procuradoria-Geral da República (PGR) contra Eduardo Bolsonaro, na qual ação pede a prisão do deputado licenciado. O partido argumenta que ele cometeu crimes contra o Brasil a partir da atuação dele junto ao governo dos EUA.

Segundo o Psol, o filho 03 do ex-presidente atenta contra a soberania nacional ao tentar sabotar as instituições brasileiras “com seu lobby sistemático contra o Brasil, que envolve uma série de ações antidiplomáticas e que culminou com a declaração de guerra tarifária”. Para a legenda, a atuação da família Bolsonaro nos Estados Unidos integra uma segunda etapa da tentativa golpista de 8 de janeiro de 2023.

“Após não conseguir depor pela força o governo eleito, a extrema-direita busca alianças externas para pressionar economicamente o Brasil. É inaceitável que um parlamentar fuja do Brasil para conspirar contra o próprio país e articule medidas que prejudicam a economia nacional. Ao menos a hipocrisia dos autointitulados patriotas que batem continência para a bandeira dos EUA ficou escancarada”, afirma Paula Coradi, presidente nacional do PSol e que assina a ação na PGR.

Para Flávio, aprovar anistia seria prova de boa vontade

» ISRAEL MEDEIROS
» MAIARA MARINHO

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) propôs, ontem, entre entrevista à Globo News, que o Brasil ceda às pressões do presidente Donald Trump como o melhor caminho para que o tarifação seja suspenso. Para o parlamentar, o Brasil não vive uma normalidade institucional, tanto que concorda com o líder norte-americano que há uma “caça às bruxas” ao ex-presidente Jair Bolsonaro e a seus apoiadores. Ele, inclusive, sugeriu que a aprovação do projeto de anistia aos extremistas que invadiram as sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023, seria uma importante demonstração de boa vontade junto a Trump para que a taxa de 50% aos produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos seja suspensa.

“Nós estamos aqui discutindo

como é que se sai dessa enrascada e eu estou falando qual é o caminho. A gente sai dessa enrascada voltando o Brasil à normalidade. Para começar, eu imagino que para isso — e vai ser um gesto importante — é aprovar uma anistia ampla, geral e irrestrita, já que na carta ele fala claramente que há uma caça às bruxas contra Bolsonaro”, disse o senador, acrescentando que desde que seu pai foi presidente o Judiciário tentou impedi-lo de trabalhar.

“Várias vezes, houve interferência direta no Executivo, fazendo de tudo para dificultar um governo do presidente Bolsonaro e isso se repetiu dentro da eleição com Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, desequilibrando completamente a disputa eleitoral que tínhamos contra o Lula”, afirmou.

Flávio argumentou, assim como tem feito o deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e o

Edilson Rodrigues/Agência Senado



Senador concorda com Trump de que há “caça às bruxas” no Brasil

ex-presidente, que a crise com os EUA só será resolvida se o Brasil, supostamente, retomar a “normalidade institucional”. O senador confessou-se surpreso com a violência da resposta de Trump em impor o tarifação, pois a informação que tinha era de que seu irmão — que está em território norte-americano desde o fim de março — só havia conseguido costurar sanções direcionadas especificamente ao ministro Moraes, do Supremo Tribunal Federal, que julga o pai dos dois parlamentares por tentativa de golpe de Estado.

“Também fiquei surpreso com uma taxa de 50% sobre os produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos. O Eduardo Bolsonaro estava lá trabalhando e o que a gente tinha notícia aqui era que havia uma costura para alguma sanção ao Alexandre de Moraes”, admitiu, aproveitando para culpar o governo brasileiro e o Supremo Tribunal Federal de

uma suposta perseguição política e pela incapacidade, em sua análise, de dialogar com os norte-americanos.

“Estou angustiado, preocupadíssimo. E mais preocupado ainda porque o presidente é o Lula. Uma pessoa que não tem o menor respeito nem capacidade ou estatura moral para negociar com o Trump. Ainda mais com o perfil do Trump, que é agressivo em suas negociações”, observou.

Na entrevista, Flávio não fez críticas diretas a Trump, tanto que, segundo ele, a “preocupação” do presidente norte-americano é com o futuro da democracia brasileira. “A gente tem que entender tudo porque a sanção que o Trump impõe não é meramente econômica, todos nós sabemos. Ela tem um viés, sim, político. Trump olha para a América do Sul e enxerga muito claramente para onde o Lula está levando o nosso país”, acredita.